



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Emanuelle Marques Nunes**

***Revista Agroinforme***

**RELATÓRIO TÉCNICO  
do Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*  
Orientador(a): Prof<sup>ª</sup> Rita Paulino**

**Florianópolis  
Dezembro de 2014**

	<b>FICHA DO TCC</b>		<b>Trabalho de Conclusão de Curso -</b>	
	<b>JORNALISMO UFSC</b>			
<b>ANO</b>	2014			
<b>ALUNO</b>	Emanuelle Marques Nunes			
<b>TÍTULO</b>	Revista Agroinforme			
<b>ORIENTADOR</b>	Rita Paulino			
<b>MÍDIA</b>	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso		
	<input type="checkbox"/>	Rádio		
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo		
	<input type="checkbox"/>	Foto		
	<input type="checkbox"/>	Web site		
	<input type="checkbox"/>	Multimídia		
<b>CATEGORIA</b>	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica		
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional		
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)		
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	<b>Local da apuração:</b>	
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ( )	( ) Florianópolis ( X ) Santa Catarina ( ) Região Sul	( ) Brasil ( ) Internacional País: _____
<b>ÁREAS</b>	Jornalismo Científico; Agrárias; Ciência; Pesquisa e Extensão; Divulgação Científica; Projetos			
<b>RESUMO</b>	<p>Este projeto é uma revista impressa que se propõe a divulgar os projetos realizados pelos professores e alunos ligados ao Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto editorial executado no formato de jornalismo científico tem como pautas as iniciativas e pesquisas desenvolvidas no estado de Santa Catarina por Laboratórios e Núcleos do centro, bem como estudos voltados à temática das agrárias feitos por outras instituições nacionais e estrangeiras; Entrevista com um dos mais jovens docentes do CCA/UFSC e resenhas de algumas publicações também fazem parte do conteúdo, como entrevistados cientistas participantes da equipe dos projetos, especialistas e colaboradores das instituições financiadoras.</p>			

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, meu refúgio, minha rocha firme e alicerce em todos os momentos de minha caminhada nessa existência, sem Ele absolutamente nada seria possível;

Ao meu pequenino filho, Victor, razão de inspiração e confiança para prosseguir adiante mesmo diante de todos os empecilhos e obstáculos enfrentados até o momento;

Aos meus familiares e amigos de coração pela dedicação, carinho e amor incansáveis, sempre me incentivando a seguir em frente, mesmo quando tudo parecia tão difícil;

À minha orientadora querida Rita Paulino cuja paciência, colaboração e conselhos foram fundamentais para a execução deste trabalho;

Aos meus chefes e companheiros de trabalhos pela compreensão, flexibilidade e incentivo eternos.

**Quem é este Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos, Ele é o  
Rei da Glória.**

**(Salmos 24:10)**

## SUMÁRIO

<b>1.RESUMO.....</b>	<b>5</b>
<b>2.CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>6</b>
2.1.Divulgação,disseminação e jornalismo científico.....	6
2.2.Os dilemas do fazer jornalismo científico.....	8
<b>3.ESCOLHA E PERTINÊNCIA DO TEMA.....</b>	<b>10</b>
<b>4.FORMATO.....</b>	<b>12</b>
<b>5.PROCESSOS DE PRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
5.1.Pré-Apuração.....	13
5.2.Apuração.....	15
5.3. Redação.....	16
5.4.Diagramação.....	18
5.5. Edição.....	23
5.6. Impressão e Revisão.....	23
<b>6. CUSTOS.....</b>	<b>24</b>
<b>7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....</b>	<b>25</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>26</b>

## **1. RESUMO**

Este projeto é uma revista impressa que se propõe a divulgar os projetos realizados pelos professores e alunos ligados ao Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto editorial executado no formato de jornalismo científico tem como pautas as iniciativas e pesquisas desenvolvidas no estado de Santa Catarina por Laboratórios e Núcleos do centro, bem como estudos voltados à temática das agrárias feitos por outras instituições nacionais e estrangeiras; Entrevista com um dos mais jovens docentes do CCA/UFSC e resenhas de algumas publicações também fazem parte do conteúdo. Como entrevistados cientistas participantes da equipe dos projetos, especialistas e colaboradores das instituições financiadoras.

**Palavras-chave: Jornalismo Científico; Jornalismo; Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias/UFSC; Revista.**

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Células-tronco; Cura da Aids; Influência maciça das redes sociais; Consumo de alimentos transgênicos; Clonagem humana. Todos estes assuntos e descobertas científicas tornam-se cada vez mais incorporados à rotina e ao conhecimento diário das pessoas. Saber mais acerca da ciência e tecnologia tornou-se, portanto, algo necessário para sobrevivência no mundo globalizado atual ao qual o indivíduo é obrigado a se inserir e absorver as informações científicas e tecnológicas.

Em consequência, cada vez mais o cidadão é coagido a se integrar aos debates propostos pela “sociedade global” a partir do domínio de conhecimentos científicos amplos que, de regra, parecem de difícil – ou mesmo impossível – apreensão por parte dos leigos (Filho, 2006, p.1).

Desta forma, cabe à mídia o papel social de se tornar um aliado entre cidadania e ciência, já que a democracia de um país é exercida principalmente por conta da ampliação do investimento na educação (Bueno, 2009). Os grandes veículos de comunicação carregam também a função educativa de divulgar a ciência ao grande público de maneira clara e correta, suprimindo um vácuo deixado pelo sistema de ensino básico que é escasso e falho na disciplina de ciências.

Inclusive uma pesquisa realizada pelo Instituto Gallup em 1987, encomendada pelo CNPq com o título O que o brasileiro pensa da Ciência e da Tecnologia?<sup>2</sup> mostrou que aproximadamente 70% da população urbana brasileira tem interesse em ciência e tecnologia (Pacheco, 2008, p.1).

Nesse contexto, grandes veículos de comunicação e o próprio jornalismo, por meio das revistas e produções segmentadas ganham destaque internacional por realizarem com êxito o papel fundamental da divulgação científica. Temos alguns casos pioneiros no mundo, como as revistas *Science*, fundada em 1880 nos Estados Unidos e a *Nature* publicada em 1869 na Inglaterra. Ambas permanecem atuando no mercado editorial científico.

Segundo Bertolli Filho (2006, p.1), o Brasil possui uma gama de publicações voltadas à ciência que abrange desde as editorias de jornais e revistas até as publicações

especializadas. Vemos os exemplos das revistas: *Pesquisa FAPESP*, *Minas Faz Ciência*, *Galileu*, *Superinteressante*, *Ciência Hoje* e *Scientific American Brasil* de relevante importância no cenário brasileiro de publicações científicas, cujas tiragens ultrapassam milhares de exemplares. Estas publicações surgiram nos anos 1980 em um período no qual o Brasil passava pelo ápice da divulgação científica com acontecimentos marcantes da época, como o cometa Halley e a clonagem da ovelha Dolly.

No âmbito acadêmico, o jornalismo científico também mostrou progressos significativos no mesmo período através de relevantes iniciativas como a instituição do renomado Prêmio de Divulgação Científica José Reis pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Uma proposta que visava homenagear um dos maiores nomes, considerado o precursor da divulgação científica no país: o pesquisador José Reis, jornalista, biólogo, pedagogo e administrador cujos esforços em disseminar e popularizar a ciência começaram no início de sua carreira, rendendo inúmeros trabalhos direcionados ao público em geral, inclusive o infantil, além da criação de prêmios, e a fundação junto com outros pesquisadores da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948.

A concepção da Agência Brasileira de Divulgação Científica, em 1981 em parceria com o CNPQ foi sem dúvida outro importante salto nesta trajetória acadêmica, com a publicação dos resultados dos projetos de pesquisa financiados pela instituição (Cunha, 2007, p.34).

De lá para cá, ao longo destes trinta anos, a evolução da produção e do jornalismo científico nas universidades passou por outros importantes acontecimentos, como a criação dos Núcleos e Laboratórios de Excelência, como o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp, em 1994, a Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) na década de 80, bem como a própria Universidade Federal de Santa Catarina com o site UFSC – Ciência e Tecnologia, disponível no endereço <http://www.uct.cce.ufsc.br>, conforme aponta Cunha (2007, p.35).

No entanto, apesar destes avanços o grande dilema da produção jornalística da ciência e tecnologia encontra uma série de dilemas que se esbarra, entre outros fatores,



no próprio conflito de interesses entre pesquisadores e jornalistas. Mas antes de iniciar o debate acerca das dificuldades encontradas conforme o ponto de vistas dos principais autores da área, julga-se necessário realizar uma explicação mais detalhada, bem como, uma diferenciação entre os conceitos de **Divulgação Científica; Disseminação Científica e Jornalismo Científico**.

## **2.1.DIVULGAÇÃO, DISSEMINAÇÃO E JORNALISMO CIENTÍFICO**

De uma forma geral, a maioria dos pesquisadores procura definir a divulgação científica como toda iniciativa formal e informal de difundir a ciência para um público não especializado, seja por meio de obras de literatura, poesias, livros didáticos de ciência, artigos, jogos, aulas e até mesmo uma simples conversa. O jornalismo científico seria apenas mais uma dessas formas de expressões. Como explicam as autoras Maia e Gomes (2006):

Algo que devemos esclarecer é a diferença existente entre “divulgação científica” e “jornalismo científico”. Divulgação científica contém o jornalismo científico. Ela é mais ampla e é feita através de livros, de conferências, de aulas, de artigos, etc, além de ser produzida pelos próprios cientistas e pesquisadores. Por sua vez, o jornalismo científico trata-se de uma forma de divulgação científica que obedece ao padrão de produção jornalística, que possuem características peculiares, tais como: periodicidade, difusão, universalidade, atualidade, linguagens e gêneros próprios. (MAIA; GOMES, 2006 p. 6 e 7)

Para a autora Fabíola de Oliveira (2002), o jornalismo científico é de fundamental importância para o jornalismo e para a própria sociedade, uma vez que, as maiorias das pesquisas realizadas no país é financiada com dinheiro público e geram impactos socioeconômicos e políticos diretos na população, muitas vezes alheia ao que ocorre na ciência e tecnologia do país. “O jornalismo científico pode entrar em cena como agente facilitador na construção da cidadania”(OLIVEIRA, 2002).

Bueno (1984) afirma que o jornalismo científico pode ser conceituado como processos, mecanismos, estratégias e técnicas destinadas à “veiculação de fatos que se situam no campo da ciência e da tecnologia”. Mais do que isso, o autor realiza uma

diferenciação fundamental entre os termos “divulgação científica” e disseminação científica”, baseada no público-alvo e na linguagem empregada.

A **Disseminação Científica** é direcionada a um público especializado com uma linguagem diferenciada, e pode, segundo Rios, Machado, Knoll, Oliveira, Portes e Silva (2005) se subdividir em dois níveis principais: Intrapares e Extrapares.

1. A Disseminação Intrapares é aquela cujo conteúdo é voltado a especialistas que trabalham em uma mesma área ou em áreas afins.
2. A Disseminação Extrapares é a publicação de informações a especialistas que não atuam na mesma área, mas que lidam com a ciência e a tecnologia.

A **Divulgação Científica**, como relatado no presente trabalho e ressaltado por Bueno (1984), é toda maneira de circulação de fatos relacionas à ciência, sem a utilização de um discurso especializado, mas adotando uma linguagem que seja de acesso ao grande público, considerado leigo no assunto.

Outros pesquisadores procuram realizar o conceito da Divulgação usando outros parâmetros, seja relacionando-o como uma “decodificação da ciência” afim de viabilizar o entendimento da ciência para as pessoas, conforme Destácio (apud Bertolli Filho, 2006), ou “nas observações que procuram familiarizar esse público com a natureza do trabalho da ciência e a vida dos cientistas”, como aponta Gonçalves (apud Bertolli Filho, 2006).

## **2.2. OS DILEMAS DO FAZER JORNALISMO CIENTÍFICO**

Bueno (1998) explica que existem pelo menos quatro vertentes com propostas distintas pelas quais acontece a produção jornalística da ciência no mundo. A primeira se destina a analisar os fatores que impedem a prática da divulgação científica e, em particular do jornalismo, são elas: o relacionamento e a divergência de interesses entre jornalistas e pesquisadores; a dificuldade em “simplificar” a linguagem científica à população e o aspecto extremamente comercial, muitas vezes sensacionalista, da circulação de informações dos fatos relacionados à ciência.

A segunda vertente, segundo o autor, está relacionada à observação da prática da divulgação científica com base nos trabalhos realizados pelos veículos de comunicação, um papel absolutamente importante para identificar e reacender o debate acerca do perfil da cobertura midiática na área.

A terceira vertente se caracteriza com a análise mais aprofundada dessa divulgação pelas universidades, “sob a perspectiva da relação desenvolvimento/subdesenvolvimento”.

A última delas se baseia na observação da cobertura jornalística de fatos concretos específicos, realizada em sua maioria por meio dos trabalhos publicados de pós-graduação.

Em contrapartida, autores, como Moreira (2002) entendem a prática da divulgação científica no Brasil, de uma maneira geral, como ineficiente, com profissionais desqualificados e incapazes de decodificar a linguagem científica. O autor também salienta que o próprio fluxo das informações nas áreas da ciência e tecnologia é inacessível a uma grande parcela da população, além de criticar os trabalhos de pesquisas na temática.

Ao contrário do que se pode observar no jornalismo científico de países considerados de “primeiro mundo”, como os EUA que possuem um longo histórico de associativismo e uma formação bem conceituada de jornalistas especializados na área (Cunha 2007):

Completamente incorporada à cultura americana, a profissão de “escritor de ciência”, nome dado ao jornalista científico nos Estados Unidos, oferece atualmente um grande campo de atuação, tanto nos meios de comunicação como nas instituições de pesquisa governamentais, sociedades científicas e universidades.(CUNHA, 2007, p. 27)

A pesquisadora ainda ressalta:

De acordo com levantamento feito em 1993 pela Universidade de Wisconsin-Madison, havia cerca de 50 cursos de Jornalismo

Científico nos Estados Unidos, e os trabalhos acadêmicos realizados nas duas últimas décadas nesta área permitiu uma análise mais aprofundada do Jornalismo Científico americano. .(CUNHA, 2007, p. 27)

Por último, mas não menos importante na questão da problemática do jornalismo científico, em especial, brasileiro, trata-se de um tema bastante preocupante: o “analfabetismo científico” dos jornalistas e dos próprios leitores. Tal escassez aliada à falta de empenho dos veículos de comunicação na contratação de profissionais qualificados na área resulta em uma divulgação científica falha e ineficaz, sobretudo, no que se refere à transmissão de informações fundamentais e de interesse público para a população.

### **3. ESCOLHA E PERTINÊNCIA DO TEMA**

Nos últimos 20 anos, diante das mudanças climáticas globais, assuntos ligados à ecologia, meio ambiente, desenvolvimento rural e sustentabilidade tornaram-se constantemente citados e debatidos por autoridades, ambientalistas e pela própria mídia. Como resultado, vemos uma série de iniciativas públicas e privadas voltadas a minimizar os efeitos causados pelo aquecimento global na natureza.

Neste contexto, a comunidade científica dentro das universidades também tem se mobilizado por meio da realização de estudos, projetos de pesquisa, ensino e extensão. O Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é um dentre as 30 unidades de ensino da instituição que mais produz projetos de extensão. Até o momento foram registrados na plataforma de pesquisa [notes.ufsc.br](http://notes.ufsc.br), cerca de 1966 projetos de extensão concluídos por professores e alunos ligados ao centro. Número que aumenta gradativamente a cada ano. Somado a isso, temos milhares de projetos de pesquisa realizados ainda não quantificados na plataforma. Podemos verificar um verdadeiro “mar de conhecimento” sequer aplicado, ignorando possíveis melhorias para produtores rurais, consumidores, autoridades, e, para o próprio meio ambiente.

Além disso, observa-se uma falha na divulgação destas informações à população. Algo surpreendente, tendo em vista que a maioria dos projetos desenvolvidos pelos centros da UFSC é financiada com dinheiro público.

Essa circulação quando acontece é por meio dos canais de Jornalismo Científico e de Notícias da Agência de Comunicação da UFSC (AGECOM), uma vez que o órgão se destina entre outras dezenas de funções a difundir todo um universo da produção científica, tecnológica e cultural da comunidade universitária composta por centenas de milhares de estudantes, professores e servidores técnico-administrativos de mais de trinta campus.

Portanto, a idéia de produzir uma revista mensal que retrate especificamente os projetos realizados pelo CCA surgiu principalmente graças a um projeto de extensão bem-sucedido: o boletim informativo “Agroinforme.” O trabalho realizado entre os anos de 2004 e 2008 pela professora do Curso de Jornalismo da UFSC, Gislene Silva, em parceria com a diretoria do Centro de Ciências Agrárias era publicado mensalmente, com uma tiragem de 400 exemplares distribuída ao CCA, outros campus da UFSC, veículos de comunicação e instituições de pesquisa agrárias. O boletim composto inicialmente por quatro páginas tinha um conteúdo diversificado com material de serviço divulgando os eventos, palestras, informes e datas das defesas da pós-graduação, além de uma reportagem especial divulgando as pesquisas desenvolvidas pelos departamentos, editorial e entrevistas. Grande parte do material era produzido, diagramado e editado pela equipe formada por dois alunos bolsistas do Curso de Jornalismo sob a coordenação da professora Gislene.

A elaboração de uma revista com um projeto gráfico diferenciado e conteúdo mais diversificado se tornou possível graças ao referido trabalho e se torna não apenas interessante, tendo em vista a gama de assuntos interdisciplinares estudados dentro da área do desenvolvimento agrário, mas de interesse coletivo.

A autora Cíntia Cerqueira Cunha (2007) esclarece a diferença entre **interesse público** e **interesse do público**, uma vez que, nem tudo aquilo que agrada ao leitor, de uma forma geral “é de real interesse público”:

“[...] Entre as categorias de interesse público podemos nomear economia, política, saúde, meio ambiente, ciência e tecnologia, etc. Já entre notícias de interesse **do** público estão as fofocas sobre a vida de famosos, as repercussões dramatizadas do factual e a espetacularização de toda ordem de informações.”(CUNHA, 2007, p.24)

Neste cenário, surge mais um desafio audacioso na realização de meu trabalho: produzir um produto jornalístico científico diferenciado, com uma linguagem acessível e atraente às pessoas. Sendo, portanto, um aprendizado constante para uma futura profissional que pretende se especializar na área.

#### 4.FORMATO

A Revista produzida para este Trabalho de Conclusão de Curso é redigida, editada e diagramada por esta aluna, publicada no tamanho A3, papel *couchê* com gramatura de 120 gramas, colorida. O conteúdo segue o formato de algumas revistas mensais da área, como as revistas *Pesquisa Fapesp*, *Minas Faz Ciência* e *Ciência Hoje*, com profundidade e clareza na abordagem dos temas propostos. Haja vista que uma reportagem exige maiores recursos estratégicos que facilitem e atraiam a leitura, deixando o texto mais sedutor, sem perder a técnica jornalística, sobretudo, no que se refere à qualidade e precisão na apuração de dados e informações coletadas. Para tanto, a relação entre o jornalismo e a literatura tornam-se alicerces importantes (VILAS BOAS, 1996):

“[...] Há (...) uma conciliação entre as técnicas jornalística e literária. Não fazem exatamente literatura, porque jornalismo não se expressa por supra-realidade. Ao contrário, tratam de uma realidade comum a todos. Mas a técnica literária é perfeitamente compatível com o *estilo jornalístico*. O estilo magazine, por sua vez, também guarda suas especificidades, na medida em que pratica um jornalismo de maior profundidade. Mais interpretativo e documental do que o jornal, o rádio e a TV; e não tão avançado e histórico quanto o livro-reportagem”. (BOAS, 1996, p.9).

Para Ricardo Kotscho:

“[...] A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia-e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, em entrega, de amor pelo ofício”. (2000, p. 71)

As fotografias e ilustrações também serão exploradas como recursos explicativos ao leitor. "A comunicação é como um tipo distinto de atividade social que envolve a produção, a transmissão e a recepção de formas simbólicas e implica a utilização de recursos de vários tipos". Um destes recursos é a fotografia, utilizada como meio disseminador de informações, ilustração e complementação do texto escrito (THOMPSON, 2004).

Como uma publicação segmentada do jornalismo científico, a revista terá como conteúdo reportagens pautadas em alguns projetos realizados pelos projetos de pesquisa e extensão coordenados por professores dos departamentos do Centro de Ciências Agrárias; Seções fixas como o "Expociência", mostrando uma foto de um tema pertinente; Resenhas críticas de obras literárias; Boxes divulgando pesquisas agrárias de outras instituições do país e estrangeiras, com base em matérias e artigos de outras publicações científicas. Também conterá uma entrevista no estilo "pingue-pongue" com alguma fonte que atue dentro do CCA.

## **5.PRODUÇÃO**

### **5.1. PRÉ-APURAÇÃO**

O processo de pré-apuração deste trabalho iniciou-se em meados maio deste ano, quando modifiquei radicalmente o tema de meu TCC. A partir deste momento, procurei referências bibliográficas relevantes para a área jornalística e de divulgação científica, como livros e artigos que pudessem me dar um embasamento teórico para a cobertura das pautas. Além de revistas e publicações conceituadas no ramo, como as mencionadas no tópico anterior que me auxiliaram na definição do formato, editoriais a serem abordados, bem como o estilo de linguagem mais apropriado.

A escolha das pautas foi uma das etapas mais prazerosas e desafiadoras da minha revista, pois não fazia ideia da dimensão de projetos de pesquisa, ensino e extensão realizados pelo Centro de Ciências Agrárias, principalmente por conta da inexistência de um repositório de acesso público que divulgue estas informações com precisão e clareza. O *notes*, único sistema disponível da UFSC, contém informações ainda desatualizadas e incompletas, de acesso restrito aos servidores do próprio Centro e

da universidade. As dificuldades encontradas neste período não apenas situaram-se na escolha destes projetos, mas onde e como encontrá-los, sendo que tinha como objetivo abordar trabalhos mais recentes tanto aqueles que estavam em andamento quanto os que já haviam sido concluídos. Por incessantes buscas, muitos e-mails e telefonemas feitos, consegui contato com uma das coordenadoras de pesquisa do CCA, a professora Mônica Yumi Tsuzuli que me auxiliou muito neste sentido, me encaminhando plataformas em que conseguisse reunir o máximo de dados necessários sobre as pesquisas.

Dentro de um universo com aproximadamente duas mil pesquisas realizadas até o momento, depois de um árduo processo de leitura e pesquisa destes projetos, pouquíssimos obtinham sequer o resumo explicativo, selecionava os que julgavam ser mais interessantes e que se enquadravam nos critérios jornalísticos estabelecidos: de universalidade, atualidade, periodicidade e difusão coletiva.

O autor Cláudio Bertolli Filho (2006) com base nas obras de autores reconhecidos nas áreas de jornalismo científico, como Hiller Kriegbaum (1970), Warren Burkett (1990) e Alton Blakeslee (1996), elenca outros critérios a serem definidos na escolha das pautas abordadas nas reportagens científicas, tais como: Senso de oportunidade; Timing; Impacto; Significado; Pioneirismo; Interesse Humano; Personagens célebres na área da ciência; Proximidade; Variedade de temas; Conflito; Necessidades de sobrevivência, cultural e de conhecimento.

Após a seleção das pautas que durou cerca de um mês, entrei em contato com os coordenadores responsáveis pelos projetos por e-mail e telefone e, na medida em que obtinha retorno agendava as entrevistas. Durante este processo, procurava estabelecer um roteiro que planejava desde as perguntas a serem realizadas, exigindo mais pesquisas sobre os trabalhos, além dos equipamentos necessários. Para cada entrevista procurava dispor de um gravador digital e uma câmera fotográfica emprestados pelo curso de jornalismo. Na impossibilidade de consegui-los, utilizava sempre meu celular para fazer as gravações e meu tablet para registrar as fotos em alta resolução. Cada passo era tomado, tendo em vista o veículo, o produto final para o qual era destinada as reportagens, visando sempre o que deveria ser registrado e qual a melhor forma. Aliás,



devido à mudança de tema, tive de refazer todo o planejamento de meu TCC, conforme modelo abaixo:

## **5.2. APURAÇÃO**

Como realizei toda a apuração das matérias sozinha, tive me desdobrar durante todo o processo: fazendo as perguntas, ficando sempre atenta se o gravador ou o celular estavam de fato gravando, fotografando e observando quais as imagens deveriam ser registradas. Esta performance, rotineira de grande parte dos jornalistas e repórteres, sobretudo dos veículos impressos, ao mesmo tempo em que contribuiu para o meu desenvolvimento profissional, me deixava exausta após as entrevistas. Este período durou cerca de dois meses pois dependia do retorno das fontes envolvidas.

Uma das dificuldades encontradas em todo o meu TCC, causando inclusive certa frustração foi justamente a impossibilidade de contato com algumas fontes secundárias, mas de relevância para as minhas principais pautas, como a matéria sobre a produção de cebolas orgânicas com o uso das plantas de cobertura como adubo, a qual seria totalmente necessário o contato com os produtores locais do município de Ituporanga(SC) que seriam os principais beneficiados com o projeto. Por falta de recursos financeiros e de tempo em razão de meu trabalho impossibilitaria um afastamento mais prolongado, não pude me deslocar até o local e o contato por telefone com estes agricultores se tornou, para minha surpresa, praticamente inviável, pois grande parte deles passa quase todo o dia nas lavouras.

A mesma situação aconteceu com a reportagem de capa sobre o especial da Mata Atlântica no Estado, que tratava justamente sobre projetos que auxiliam produtores locais a ter um manejo sustentável dos recursos nativos do local. Pelo mesmo motivo, não foi possível contato com estes produtores.

Em ambas as situações, tive de fazer adaptações, procurando informações complementares que preenchessem de certa forma a lacuna identificada na ausência destas entrevistas.

A utilização das imagens também foi outro obstáculo encontrado, mas que consegui com êxito superar e readaptar ao meu trabalho. Alguns projetos por serem realizados em outros municípios não me permitiram registrar a maioria das imagens. Neste casos, recorri ao acervo pessoal destes pesquisadores, que dispunham de fotos de elevada qualidade ilustrativa e com boa resolução. Na ausência destas fotos, como no caso da matéria sobre a produção de vinhos tintos finos em regiões de altitude, da produção em cativeiro dos peixes e da reprodução e bem-estar dos garanhões, tive de recorrer às fotos de bancos de imagens que se tornaram muitas vezes a única solução viável à diagramação em meu trabalho.

A maioria das fontes citadas nas matérias foram entrevistadas pessoalmente, tornando minhas visitas às unidades do CCA rotineiras. Também procurei utilizar trabalhos científicos que pudessem contribuir para os assuntos abordados, de autoria dos componentes das equipes dos projetos abordados. Dados precisos foram retirados também de documentos e artigos oficiais.

### **5.3. REDAÇÃO**

Com as entrevistas em mãos logo começava a escrever as reportagens, uma etapa prazerosa na qual conseguia perceber meu TCC tomando forma, sentidos e cores. Como era de se esperar, alguns textos renderem mais assuntos e desdobramentos; Em outros tive que procurar informações complementares de outras fontes, utilizando sempre matérias correlatas ou boxes para estimular a visualização ao leitor, bem como intertítulos. No total foram produzidas cinco reportagens e uma entrevista transcrita, somando 47.122 caracteres, sendo: 10.980,00 da entrevista pingue-pongue; 8.624 da matéria sobre a produção de cebolas orgânicas; 8.714 da reportagem sobre a reprodução dos garanhões; 6.839 da matéria sobre o cultivo dos peixes ornamentais marinhos; 10.210 da produção de vinhos finos e 20.826 do especial sobre a Mata Atlântica.

Os processos de transcrição das entrevistas renderam um trabalho árduo e cansativo, porém necessário para a fidelidade das informações repassadas ao leitor. Em cada texto, procurei utilizar recursos chamativos para “fugir” de uma monotonia que pudesse fazer o leitor desistir do texto. Quando finalizados, os textos eram revisados exaustivamente, corrigidos e encaminhados à minha orientadora.

Um dos principais dilemas do jornalista científico é justamente tornar um texto duro, com informações duras em um texto atraente ao leitor que pode, na maioria das vezes, ser leigo no assunto tratado. Como explica Cavalcanti (1999):

“[...] Buscamos tratar o texto das reportagens de maneira a torná-lo atraente para público não-especializado, porém não perdendo de vista a precisão e o rigor com os dados científicos. Uma reportagem que consiga equilibrar estes ingredientes é resultado não só do esforço do jornalista, mas, principalmente, de uma boa interação entre o pesquisador e o repórter, na qual haja abertura para questionamentos de ambos os lados. Erros, claro, ocorrem. E, quando acontecem, são corrigidos”(1999).

Neste sentido, para evitar possíveis erros, procurava esclarecer todas e quaisquer dúvidas surgidas tanto no momento das entrevistas, quanto no momento de escrever os textos, por meio de e-mails ou telefonemas. Muitas vezes, uma simples comparação realizada em um texto de divulgação científica para traduzir uma informação pode ser um erro fatal e desastroso. Por isso, todo cuidado é pouco.

Outro elemento importante sugerido pela minha orientadora, Rita Paulino, foi a utilização de um box antes de cada reportagem que elencasse as informações principais dos projetos, contendo:

1. Nome do projeto;
2. Pesquisador Responsável;
3. Instituições Financiadoras/ Parceiras;
4. Site;
5. Resumo;
6. Status do projeto

Este recurso possibilitaria ao leitor se informar do tema tratado de cada reportagem antes mesmo de começar a leitura, selecionar se o assunto é ou não interessante, além de obter mais informações acerca do projeto, principalmente nos casos daqueles que possuem site.

#### **5.4. DIAGRAMAÇÃO**

O projeto gráfico da revista foi pensado e repensado utilizando como base também modelos de revista bem sucedidos, já existentes no ramo, como as *Revistas Pesquisas Fapesp*, *Minas Faz Ciência*, *Ciência Hoje* e *Galileu*, bem como, de novas experimentações idealizadas por mim. A decisão de realizar todos os processos de produção da revista, incluindo a diagramação, sem dúvida multiplicou grandiosamente o meu trabalho e envolvimento com o projeto, já que, diagramar é um processo totalmente minucioso e detalhista. Mas tornou-se altamente gratificante, permitindo com que colocasse em prática tudo o que havia sido aprendido durante todo o curso de Jornalismo. Acredito que assumi todos os riscos, contudo evolui muito profissionalmente também. Por uma questão de tempo, para agilizar o andamento de meu TCC, a diagramação começou a ser feita durante minhas férias da universidade e do trabalho, no mês de julho, quando procurei definir um boneco para cada reportagem.

Para cada pauta, procurei realizar um *layout* que fosse condizente com o tema abordado, procurando estabelecer também um equilíbrio entre as cores utilizadas, sempre da mesma paleta, além de criar uma identidade visual que identificasse a revista. No geral, alguns elementos básicos foram utilizados, tais como:

- Utilização de três colunas normais ou duas colunas falsas entre textos, imagens e boxes;



- Uma única fonte padrão sem serifa utilizada para os textos (tamanho 12pt), intertítulos (tamanho 16pt) e títulos de correlatas de cada reportagem (tamanho 18pt), (Figura 1); Uma fonte padrão com serifa usada para os títulos das matérias (Figura 2), com exceção da matéria principal no qual foi utilizada uma fonte diferente para o título e olho, visando justamente criar um contraste visual para este texto (figura 3)

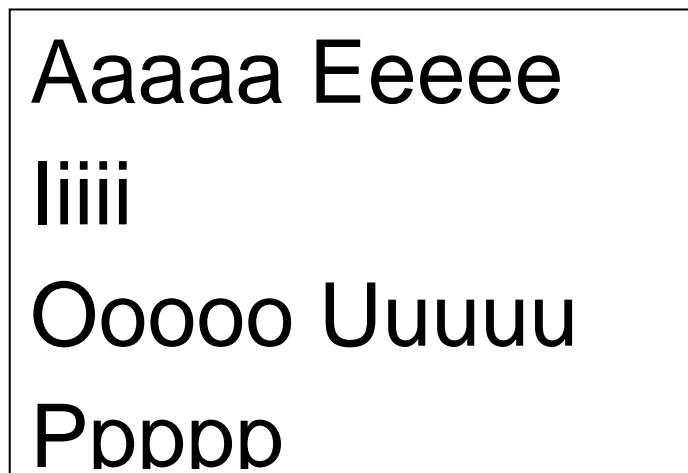
Figura 1-Fonte Arno Pro:



Figura 2-Fonte Rockwell



Figura 3-Fonte Hobo Std:



- Utilização do branco, um espaço de "respiro" entre fotos e textos: Os espaços em branco possibilitaram uma suavização nos elementos gráficos de cada matéria, visando uma facilitação da leitura, como observado na matéria das Cebolas Orgânicas e do especial Mata Atlântica:

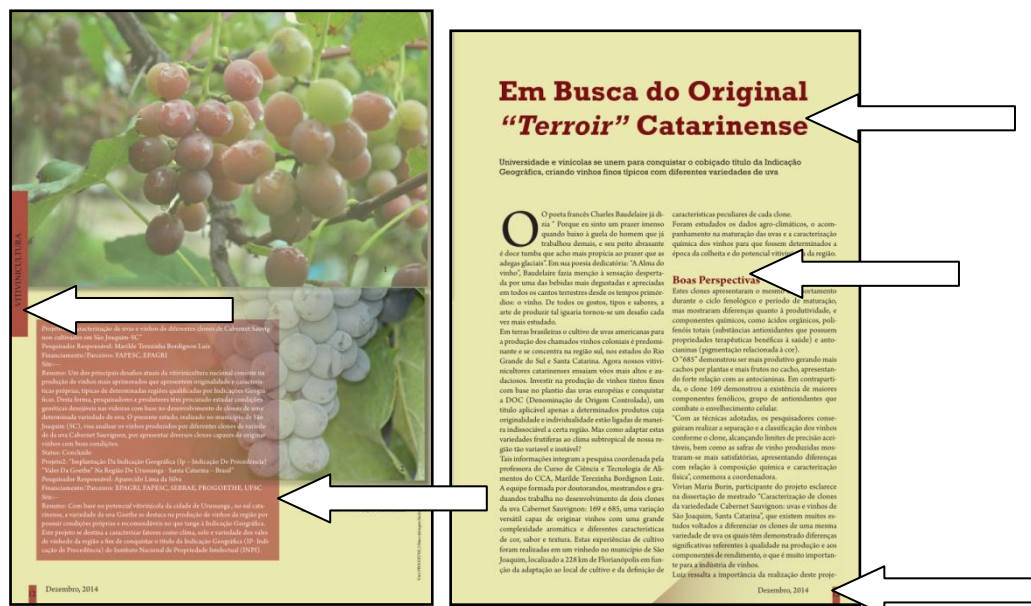


Além disso, em algumas páginas de textos contendo dados, números, estatísticas ou informações mais detalhadas, recorri a diferentes elementos visuais como as ilustrações, por exemplo, conforme verificado na maioria dos veículos de comunicação, sobretudo, na mídia impressa, com o objetivo de esclarecer estas informações ao leitor e quebrar uma falta de variedade no texto. Como no caso da matéria dos Peixes Ornamentais, página 12 da revista, que exemplifica o ciclo de reprodução destes animais realizados dentro do laboratório e no box da página 21, da matéria dos garanhões, que explica a economia gerada pela indústria de equinos no Brasil:



No que tange às cores, procurei utilizar as disponíveis no padrão RGB, mas como mencionado anteriormente, sempre seguindo uma paleta determinada, variando apenas nos tons empregados. Essa determinação era expressa com base na indicação da cartola de cada pauta. O fundo da página, as cores dos boxes, numeração das páginas, títulos e textos era uma variação desta cor principal. Além disso, a escolha de cada cor primária era feita criteriosamente conforme o tema abordado. Na matéria dos vinhos, por exemplo, optou-se pelo vermelho como cor primária, classificado como uma cor “quente.” O fundo, inclusive a borda das páginas partiam de uma variação desta cor:





Como ferramentas de diagramação, utilizei o Adobe Indesign e Photoshop, versão 3. A escolha por versões mais antigas deveu-se justamente à facilidade de compatibilidade com versões mais recentes, que me permitiram fazer alguns ajustes necessários, sem que houvesse prejuízo à formatação de meu trabalho.

## 5.5. EDIÇÃO

O processo de edição da revista foi o mais rápido, durante cerca de dois meses entre a edição, revisão e correção. Apenas a matéria principal exigiu mais tempo de edição, devido ao volume expressivo de informações que precisavam ser resumidas e explicitadas em legendas, intertítulos, títulos e olhos. Essa parte exigiu de mim uma exaustiva leitura das matérias, para não cometer equívocos e principalmente criatividade, tornando aquele texto/produto interessante. Aliás, sem querer me distanciar de uma visão capitalista, considero estas etapas de composição jornalística: a diagramação como uma embalagem e a edição tal qual uma propaganda de um “produto” a ser comercializado, que é o texto. Por isso, tão fundamentais quanto a própria produção deste texto científico que deve prezar pela maior precisão de detalhes e informações necessárias.

## 5.6. IMPRESSÃO E REVISÃO



Em uma primeira fase de revisão, fiz uma impressão integral da revista em branco, em papel off-set, para realizar uma minuciosa análise e leitura, corrigindo erros que costumam fugir aos olhos de uma tela de computador, como cores de legendas que não aparecem em fotos, tamanho de fontes, erros de português, margens de página, das imagens, entre outros. Após esta revisão, realizava novamente a correção na revista, até que todos os erros estivessem corrigidos.

A cada nova etapa de diagramação, encaminhava uma versão em PDF para minha orientadora. Por ter iniciado o trabalho em maio, no início do ano quando faltava um mês antes da apresentação para a minha banca, na última semana de outubro já havia concluído o processo e encaminhado a versão final para correção à minha orientadora. Ainda assim, a cada novo olhar sempre encontrava algo a ser corrigido, para minha eterna angústia. Após todas as revisões, fiz uma última impressão colorida em papel couchê, já no formato desejado da revista para uma última e final correção antes de imprimir a versão pronta para a banca.

## 6. CUSTOS

Todos os custos desse TCC foram de minha responsabilidade, alguns equipamentos como gravador e câmera fotográfica alocados desta universidade. Os gastos maiores foram com transporte entre a região de Florianópolis. Não houve apoio financeiro de alguma instituição ou empresa.

<b>CATEGORIAS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>VALOR ESTIMADO</b>
<b>EQUIPAMENTOS</b>	<b>PEN DRIVE</b>	<b>PESSOAL</b>
	<b>GRAVADOR DIGITAL</b>	<b>LABJOR UFSC</b>
	<b>CÂMERA FOTOGRÁFICA</b>	<b>LABJOR UFSC</b>
	<b>COMPUTADOR</b>	<b>PESSOAL</b>
	<b>TABLET</b>	<b>PESSOAL</b>
	<b>CELULAR</b>	<b>PESSOAL</b>
<b>TRANSPORTE DENTRO DE FLORIANÓPOLIS</b>		<b>R\$ 400,00</b>

<b>ALIMENTAÇÃO</b>		<b>R\$ 450,00</b>
<b>IMPRESSÃO DO TRABALHO FINAL</b>		<b>R\$ 350,00</b>
<b>IMPRESSÃO DOS RELATÓRIOS</b>		<b>R\$ 100,00</b>
<b>TOTAL</b>		<b>R\$ 1.300,00</b>

## 7. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Sem dúvida a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso representou um grande desafio para mim, desde o momento da idealização até a concepção. Todas as fases exigiram uma superação constante e absoluta. Partindo desde a mudança da escolha do tema que, teve de ser feita de forma rápida, mas muito bem pensada, prevendo todas as possibilidades de concepção existentes, pautas, fontes a serem entrevistas dados e documentos para apuração disponíveis, bem como o prazo para a produção da revista, representaram para mim uma decisão ousada, desafiadora e acredito que acertada.

Mas como grandes realizações trazem consigo grandes responsabilidades, passei por dificuldades relacionadas à corrida insana contra o tempo, meu e das fontes, de apuração, no momento de reunir todas as informações acerca dos projetos escolhidos (nem todas acessíveis e atualizadas, como o próprio contato dos pesquisadores envolvidos por exemplo) além das entrevistas. Muitas vezes tive de multiplicar minhas capacidades no momento de entrevistar, como relatado anteriormente no item 5.1. entrevistando, fotografando e gravando a conversa. Também enfrentei “furo” de fontes, algumas quase inacessíveis, bem como o cansaço de uma rotina intensa de apuração, redação e planejamento, típica da profissão.

Por conta disto, tirei grandes lições de como gerir o tempo e os recursos de maneira certa, principalmente quando ambos se tornam escassos. Aprendi também a ter contato em uma área que sempre me interessou e com a qual sempre tive afinidade durante minha trajetória acadêmica que é justamente o jornalismo científico e a diagramação de produtos impressos. No que se refere à produção das reportagens e a

própria edição, aprendi a dar diferentes angulações e estilos lingüísticos, mas sempre priorizando a riqueza e precisão de informações.

Por ser mãe de uma criança de três anos que demanda muito, mas muito de tempo, fiquei dividida muitas vezes entre a realização de meu TCC e minhas responsabilidades maternas. Já tive de desmarcar algumas entrevistas em cima da hora, por ter de levar meu filho ao médico ou para cuidar dele quando não havia creche. Um dilema pessoal e profissional que acredito irá se estender por toda minha vida.

Outra grande dificuldade encontrada foi o fato de haver apenas um computador disponível com a versão do Indesign para diagramação: meu computador pessoal, me obrigando a diagramar e fazer as correções necessárias apenas em casa, restringindo drasticamente meu tempo de trabalho. Isso causou madrugadas acordadas a fio e a ausência de muitas aulas, já que, ao mesmo também cumpria as últimas disciplinas que restavam em minha grade para concluir o curso.

Ao mesmo tempo, deparando-me com o trabalho pronto, não posso negar minha satisfação pessoal e profissional com o resultado obtido, mediante todas as dificuldades enfrentadas também no decorrer do curso e, sobretudo, para torná-lo algo concretizado. Acredito que o TCC é uma oportunidade rara e única de um jornalista exercer múltiplas funções, de maneira irrestrita e que acarretará e muito para minha bagagem profissional. Sem dúvida este trabalho é meu segundo filho, devido à dedicação, noites de sono perdidas e amor no cuidado com cada detalhe para que tudo saísse o melhor possível.

## **8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUENO, Wilson. **Jornalismo Científico: resgate de uma trajetória. Comunicação e Sociedade**, São Paulo, nº 30, p. 209-20, 1998.

BUENO, Wilson. **Jornalismo científico no Brasil: o compromisso de uma prática independente**. 1984. 163f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico:revisando o conceito**. In: VITOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone. *Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável*. São Paulo: All Print, 2009, p.1-14.

FILHO, Cláudio Bertolli. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. Disponível em < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf> > Acesso em 26 set. 2014.

CAVALCANTI GONÇALVES, Fabiana. **Ciência em doses homeopáticas**. Disponível em: < [http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo\\_cientifico/artigo27.php](http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/artigos/jornalismo_cientifico/artigo27.php) > Acesso: 31 out. 2014.

CUNHA, Cíntia Cerqueira. **Jornalismo Científico: compreensão e produção**. Dissertação de Mestrado – Departamento de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2007.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**.4. ed. São Paulo: Ática, 2007. 80 p.

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. 3. ed. rev. Florianópolis: Insular; Florianópolis: UFSC, 2001b.

MAIA, Kênia Beatriz Ferreira; GOMES, Ana Cecília Aragão. Para Pensar o Fazer e a Pesquisa em Divulgação Científica e Jornalismo Científico. *In XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –UNB- 6 a 9 de setembro de 2006*. Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. UNB. 2006.

OCÁRIZ, Izabella Campos. **O Papel Educativo do Jornalismo Científico: Análise das Revistas *Pesquisa Fapesp* e *Minas Faz Ciência***. Disponível em < <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/2097> > Acesso em 26 set. 2014.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**.São Paulo: Contexto, 2002.

PACHECO, Carolina Gonçalves. As Metáforas no Jornalismo Científico. Análise das revistas Superinteressante e Galileu. Revista Eletrônica Temática, 19 de ago. 2008. Disponível em <http://www.insite.pro.br/2008/23.pdf>. Acesso em 24 nov. 2014

RIOS, Aline de Oliveira; MACHADO, Ana Caroline; KNOLL, Flaiane Cristina; OLIVEIRA, Márcio de; PORTES, Marlene Valsko; SILVA, Tiago Cruz Ferreira da. **Jornalismo Científico: O Compromisso de Divulgar Ciência à Sociedade. A Comunicação entre jornalistas e pesquisadores e a responsabilidade social na disseminação de informações científicas.** Revista Publication EUPG, Paraná, v. 13, nº 2, abr. 2005. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/551/550>. Acesso em 26 set. 2014.

THOMPSON, John B. (2004). A mídia e a modernidade, uma teoria social da mídia, 2. Petrópolis: Vozes.

VILAS BOAS, Sergio. **O Estilo Magazine: o texto em revista.** São Paulo:Summus, 1996.

